

## O ESTATUTO MORFOSSINTÁTICO DOS PREFIXOS NEGATIVOS *DES-* E *IN-* EM PORTUGUÊS

### THE MORPHOSYNTACTIC STATUS OF THE PREFIXES *DES-* AND *IN-* IN PORTUGUESE

Ana Paula Scher<sup>1</sup>

Beatrice Nascimento Monteiro<sup>2</sup>

#### RESUMO

A natureza dos afixos derivacionais tem sido um ponto de debate na Morfologia Distribuída. Há autores como Marantz (1997; 2001) e Marvin (2003) que defendem que os afixos constituem morfemas funcionais que funcionam como categorizadores. Já outros autores, como De Belder (2011) e Lowenstamm (2014), contrapõem-se a essa perspectiva, defendendo que os afixos derivacionais constituem raízes, e não morfemas funcionais. Creemers et al. (2018) inserem-se na discussão, elaborando uma proposta conciliadora: alguns afixos derivacionais funcionam como raízes, enquanto outros seriam morfemas funcionais categorizadores. O presente trabalho busca discutir o estatuto morfoossintático de dois prefixos negativos de grande produtividade no português: *des-* e *in-*. Esses prefixos são analisados a partir dos critérios estabelecidos por Creemers et al. (2018), para a distinção entre afixos e raízes. Os resultados da análise demonstram que os prefixos *des-* e *in-* não se enquadram nos tipos propostos por Creemers et al., uma vez que esses afixos não constituem raízes ou categorizadores, propriamente. Antes, apresentam propriedades de um núcleo funcional, tal como NEG.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prefixos *des-* e *in-*. Negação. Morfologia Distribuída.

#### ABSTRACT

The nature of derivational affixes has been an interesting theme of investigation in the field of Distributed Morphology for a while. Some, like Marantz (1997; 2001) and Marvin (2003), claim that affixes constitute functional morphemes which act as categorizers. Others, like De Belder (2011) and Lowenstamm (2014), go against this perspective, and claim that derivational affixes are roots, rather than functional morphemes. Others still, like Creemers et al. (2018), develop an alternative analysis, proposing that some derivational affixes are roots, while others are categorizing functional morphemes. The present paper discusses the morphosyntactic status of two very productive negative prefixes in Portuguese: *des-* and *in-*. We analyse such prefixes taking into account the criteria established in Creemers et al. to distinguish between roots and affixes. The results of the analysis show that the prefixes *des-* and *in-* do not fit the typology proposed in Creemers et al., since they do not present the properties of roots nor functional categorizing morphemes. They are rather compatible with the properties of a functional head such as NEG.

**KEY-WORDS:** Prefixes *des-* and *in-*. Negation. Distributed Morphology.

---

<sup>1</sup> Professora Livre-docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo. Atua em seu Programa de Pós-Graduação em Linguística e coordena o Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída (GREMD). É bolsista de Produtividade em Pesquisa, nível 2, do CNPq, processo nº 303461/2017-9, e lidera, nessa mesma agência, o Grupo de Pesquisas Morfologia Distribuída: novos olhares. E-mail: anascher@usp.br

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí. Atualmente é Doutoranda em Linguística pelo Doutorado Interinstitucional entre USP e UESPI. Atua como professora assistente do Curso de Letras da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: beatricenascimento@frn.uespi.br

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, nosso objetivo é discutir o estatuto dos prefixos de negação *des-* e *in-* em português, considerando uma questão que tem sido objeto de divergência entre pesquisadores que pautam sua pesquisa pelo modelo da Morfologia Distribuída: os afixos derivacionais (como é o caso dos prefixos *des-* e *in-*) são morfemas funcionais ou raízes? Esse questionamento tem gerado diferentes respostas.

Marantz (1997, 2001) e Marvin (2003) defendem que os afixos derivacionais correspondem a morfemas funcionais que constituem núcleos categoriais. Para esses autores, os afixos são, portanto, um tipo específico de morfema funcional.

Já autores como De Belder (2011) e Lowenstamm (2014) consideram que os afixos derivacionais não constituem morfemas funcionais, e sim, raízes. Essa perspectiva explicaria por que alguns afixos apresentam flexibilidade categorial, uma vez que as raízes podem combinar-se a qualquer categoria.

Assumindo uma posição conciliadora, Creemers et al. (2018), a partir das considerações de ambas as propostas, assumem que existem afixos derivacionais que funcionam como morfemas funcionais, enquanto outros funcionam como raízes. Os autores elaboram uma tipologia desses afixos que abrange tanto aqueles que funcionam como raízes quanto diferentes tipos de morfemas funcionais. Essa tipologia baseia-se em um conjunto de critérios que costumam ser utilizados para diferenciar raízes de morfemas funcionais e os diferentes níveis em que um morfema pode ser utilizado.

Em face dessa última proposta, o presente artigo pretende discutir o estatuto dos prefixos *des-* e *in-*, considerando os diferentes critérios levantados por Creemers et al. (2018). Para isso, inicialmente discutiremos questões relativas aos prefixos em análise, revisitando alguns trabalhos anteriores que levantam aspectos morfossintáticos e fonológicos relevantes para a discussão. Após essa primeira seção, abordaremos a discussão sobre o estatuto dos afixos derivacionais e o impasse quanto à sua natureza (se correspondem a raízes ou morfemas funcionais), avaliando diferentes pontos de vista sobre essa questão. Depois disso, apresentaremos a nossa proposta de análise dos prefixos negativos, trazendo uma proposta de reformulação da tipologia empregada por Creemers et al. (2018).

### 1 Uma palavra sobre a fundamentação teórica

A negação tem se mostrado um fenômeno multifacetado, tanto no que concerne à sua forma de realização (através de formas livres e presas), quanto em relação ao seu escopo. De Clercq (2020) divide os marcadores negativos em dois grupos: marcadores de baixo escopo (Low Scope Negative Markers), doravante, MNBE e marcadores de amplo escopo (Wide Scope Negative Markers), doravante, MNAE. Tradicionalmente, os MNBEs têm sido associados às formas presas (no caso do português, prefixos como *in-* e *des-*) e estudados no âmbito da Morfologia. Já os MNAEs têm sido associados às formas negativas livres (como as partículas negativas *não* e *nem*) e estudadas no âmbito da Sintaxe. Entretanto, de acordo com De Clercq (*op. cit.*), dados de línguas africanas e indígenas corroboram a perspectiva de que não há uma divisão rígida entre Negação Morfológica e Negação Sintática.

Ao estudar línguas africanas de diferentes famílias da África Central, Dryer (2011) constata que, em várias delas, os marcadores de negação sentencial podem ser tanto palavras separadas, quanto afixos incorporados aos verbos. Algo semelhante ocorre com diversas línguas do tronco Tupi, nas quais a negação sentencial pode ser realizada por diferentes tipos de afixos e clíticos (DIETRICH, 2017).

Esses dados evidenciam que formas presas podem ser marcadores de negação sentencial e mostram que a distinção entre MNBEs e MNAEs não corresponde à divisão entre formas presas e formas livres (cf. DE CLERCQ, 2020).

No português também não é simples demarcar limites claros entre sintaxe e morfologia no uso de marcadores negativos. Em casos como (1), (2), (3) e (4), a função e a semântica da negação são bastante próximas, embora tenham sido usadas uma forma presa no par formado por (1) e (3), e uma forma livre no par (2) e (4):

- (1) Inexiste literatura sobre o tema.
- (2) Não existe literatura sobre o tema.
- (3) A minha viagem independe de autorização.
- (4) A minha viagem não depende de autorização.

Embora, em (1) e (3), tenha sido usado o prefixo de negação *in-*, uma forma presa, portanto, e, em (2) e (4), a forma livre *não*, o fato é que, em ambos os casos, o marcador de negação toma escopo sobre a forma verbal. Parece, portanto, pouco adequado dizer que os dados em (1) e (3) dizem respeito à Morfologia, enquanto os dados (2) e (4) constituem material para a Sintaxe.

Além disso, no PB, há marcadores negativos que atuam tanto como formas livres, quanto como formas adjuntas a outras bases, compondo novos itens lexicais. É o caso dos marcadores *não* e *sem*.

- (5) Alguns alunos não viram o e-mail.
- (6) O não pronunciamento do reitor gerou críticas.
- (7) O homem estava sem dinheiro.
- (8) Os sem-terra fizeram um protesto.

Em (5) e (7), os marcadores *não* e *sem*, respectivamente, atuam como formas livres enquanto em (6) e (8) eles foram unidos a itens lexicais, compondo outras palavras. Dados como os mostrados acima podem fortalecer a hipótese de que os marcadores negativos “funcionam em um *continuum* entre Morfologia e Sintaxe” (DE CLERCQ, 2020, p.1).

Assumir tal perspectiva requer um modelo teórico que dê conta dessa relação de continuidade entre operações sintáticas e morfológicas. Nesse viés, a presente proposta ampara-se no modelo teórico da Morfologia Distribuída (doravante MD) (cf. HALLE, MARANTZ, 1993, 1994; MARANTZ, 1997; SCHER; BASSANI; MINUSSI, 2013, entre outros), o qual, sendo um modelo não lexicalista, postula a Sintaxe como único componente gerativo da arquitetura gramatical. Acreditamos que o quadro teórico da MD, que propõe a integração entre os diferentes módulos da gramática, possa fornecer subsídios teóricos para a análise de como a negação pode atuar com diferentes escopos.

## 2 Características morfossintáticas e semânticas dos prefixos *des-* e *in-*

Para iniciar a discussão sobre o estatuto dos prefixos negativos *des-* e *in-*, discutiremos algumas de suas características morfossintáticas e semânticas. O prefixo *des-* é bastante produtivo em formas verbais, como exemplificam os verbos apresentados em (9):

- (9) desativar, desligar, desprender

A interpretação mais frequente para o prefixo *des-* em verbos como os de (9) é a ideia de reversão da ação. Existe, contudo, outro conjunto de verbos formados com esse prefixo que não denotam exatamente uma reversão, como exemplificado em (10).

(10) desossar, despedaçar, descabelar

Nos verbos apresentados em (10), a ideia de reversão de ação não se mostra adequada, visto que não há uma ação de *ossar*, *pedaçar* e *cabelar* que é revertida. Há, na verdade, uma ideia de remoção ou privação (SCHWINDT, 2001).

Há, ainda, um conjunto de verbos formados com *des-* que não apresentam nem a ideia de reversão de ação, nem o sentido de privação. Alguns deles estão representados em (11):

(11) desdizer, desmentir, despistar

Nos casos de “desdizer” e “desmentir”, a ideia de reversão de ação e a ideia de privação não se aplicam, já que o sentido seria o de *contradizer* ou *negar* o que outra pessoa havia afirmado. Em “despistar”, por sua vez, o sentido é o de “desnortear”, “confundir”. Também nesse caso, a ideia de reversão de ação e a ideia de privação não se adequam.<sup>3</sup>

Existe ainda um conjunto de verbos formados com *des-*, que parecem possuir um sentido de negação mais direto (não X), como aqueles em (12), em que a negação parece operar de maneira mais direta (respectivamente, *não considerar*, *não cuidar*, *não entender*).

(12) desconsiderar, descuidar, desentender

Considerando os exemplos mencionados de (9) a (12), temos, portanto, diferentes nuances de sentido para os verbos formados com o prefixo *-des*, ainda que seja possível reconhecer um traço negativo em todos eles.

Até agora, vimos a ocorrência do prefixo *des-* em verbos. Entretanto, o mesmo prefixo pode juntar-se também a bases de natureza adjetival, como nos casos de (13), e de natureza nominal, como exemplificado em (14), funcionando como uma negação direta (não X), paralelamente ao que ocorre com os verbos de (12).

(13) desleal, descortês, descontente

(14) desamor, desprazer, destemor

Os exemplos apresentados de (9) a (14) revelam que o prefixo *des-* pode juntar-se tanto a bases verbais, quanto a bases adjetivais e nominais. A esse respeito, Silva e Miotto (2009), os quais defendem a hipótese de que os afixos selecionam rigidamente a categoria da base a que se juntam, apresentam uma proposta de análise. Segundo os autores, a explicação da diversidade de categorias das bases é a ocorrência de uma homonímia: assim, existiria um prefixo *des-1*, que selecionaria bases verbais, e outro prefixo *des-2*, o qual selecionaria bases adjetivais (os autores não fazem menção às bases nominais).

---

<sup>3</sup> A respeito das diferentes interpretações possíveis para o prefixo *des-*, um dos pareceristas que avaliaram este artigo propôs que o ideal seria que realizássemos algum teste que pudesse confirmar ou refutar a plausibilidade de cada interpretação. Reconhecemos a pertinência dessa sugestão; contudo, como não era esse o foco deste trabalho, acolheremos esta sugestão para trabalhos futuros com os prefixos negativos, tendo em vista que este artigo é parte de uma pesquisa em andamento.

Para os autores, uma evidência dessa homonímia é a distinção de sentido que existiria entre *des-1* e *des-2*. Entretanto, temos, pelo menos, três motivos para questionar essa via de explicação.

Primeiramente, a explicação exclui as bases nominais, às quais o prefixo *des-* também pode estar unido. Além disso, como demonstramos acima, o prefixo *des-* não apresenta apenas a ideia de reversão para verbos, podendo, inclusive, expressar o mesmo tipo de negação direta que apresenta em adjetivos e nomes. Por fim, consideramos que não é pertinente desconsiderar que, em todos os casos, há um sentido negativo constante. Optar por uma análise baseada na homonímia seria desconsiderar esse traço semântico em comum.

Retornando a Silva e Miotto (2009), discutiremos o que os autores abordam sobre o prefixo *in-* (e seus alomorfes *i-*, *im-*, *etc* – i(N)). Para este prefixo, a hipótese, defendida pelos autores, é a de que o *in-* faz uma seleção exclusivamente de bases adjetivais. Os autores apontam exemplos como os listados em (15) para sustentar a sua hipótese:

(15) imóvel, infeliz, insensato

Nesse caso, vemos que o prefixo *in-* selecionou bases adjetivais, expressando uma negação direta (respectivamente, *não móvel*, *não feliz*, *não sensato*). Segundo os autores, formas como as apresentadas em (16) seriam apenas aparentes contraexemplos, visto que “é possível identificar um estágio de formação em que existe um adjetivo – *feliz*, *possível*, *móvel* e *sensato* – é nesse momento que a prefixação ocorreu” (SILVA; MIOTTO, 2009, p. 15).

(16) infelizmente, impossibilidade, imobilizar, insensatez

Para Silva e Miotto, uma confirmação para o seu argumento – de que o *-in* seleciona bases adjetivais – viria do “fato de que nomes e verbos que não possuem um estágio adjetival em sua derivação não aceitam a prefixação com i(n)” (*ibidem*).

Entretanto, como já observado por Villalva (2018), existe um conjunto de verbos que contraria esta hipótese, tais como aqueles exemplificados em (17):

(17) indeferir, independender, inexistir, improceder

Os verbos apresentados em (17) também expressam uma negação direta (significando, respectivamente, *não deferir*, *não depender*, *não existir*, *não proceder*). Embora esses verbos possam ser relacionados a formas adjetivais, como podemos observar em (18), a morfologia observada nesses adjetivos – *-id-* e *-nte* – sugere que essas formas adjetivais derivam das formas verbais e não o oposto.

(18) indeferido, independente, inexistente e improcedente

Portanto, não seria possível afirmar que o prefixo *in-* seleciona apenas bases adjetivais. Assim, observamos que os dois prefixos negativos em análises, *des-* e *in-*, juntam-se a diferentes categorias de base.

Como veremos na seção a seguir, a questão de os afixos derivacionais selecionarem ou não a categoria das bases a que se juntam é relevante para a discussão a ser, aqui, desenvolvida, na medida em que a MD tem discutido se esses afixos constituem projeções de núcleos categoriais. Há autores como Marantz (1997; 2001) e Marvin (2003) que defendem essa perspectiva, enquanto outros, tais como De Belder (2011) e Lowenstamm (2014), fazem uma contraproposta, afirmando que os afixos derivacionais são raízes.

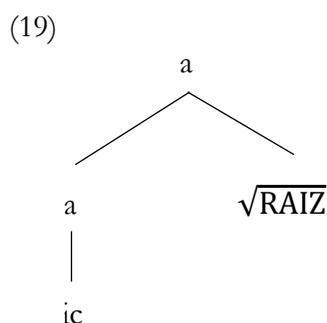
Na seção a seguir, apresentaremos essas duas perspectivas e também um terceiro ponto de vista, que faz uma espécie de meio-termo entre elas, a partir de observações de dados empíricos.

### 3 Afixos derivacionais são raízes ou morfemas funcionais?

A MD, de maneira geral, tem trabalhado com dois tipos de morfemas que funcionam como primitivos para as operações sintáticas: as raízes e os morfemas funcionais. Assim, espera-se que os morfemas utilizados apresentem estatuto de raiz ou de morfema funcional.

Um amplo debate na MD tem se desenvolvido acerca do estatuto dos afixos derivacionais, isto é, se devem ser classificados como morfemas funcionais ou como raízes. Autores como Marantz (1997; 2011) e Marvin (2003) defendem a perspectiva de que os afixos derivacionais constituem morfemas funcionais que operam como projeções de núcleos categorizadores.

Em (19), apresentamos um exemplo dessa perspectiva, retirado de Creemers et al (2018), e baseado na representação de Marvin (2013): uma raiz (que constitui uma base acategorial, ou seja, destituída de categoria) faz um *merge* com um morfema funcional categorizador, formando um adjetivo. Na Inserção de Vocabulário, esse núcleo ganha um expoente fonológico como *-ic* (sufixo que pode formar adjetivos no inglês como *atomic*, *fantastic*, entre outros), por exemplo.



Marantz (2001; 2007) propõe que cada afixo derivacional introduz uma fase nas operações sintáticas. Essas diferentes fases geram efeitos fonológicos cíclicos.

Lowenstamm (2014) questiona a proposta de que os afixos são projeções de núcleos categoriais, argumentando que nem sempre os afixos derivacionais selecionam a mesma categoria funcional, como vemos no Quadro 1, com exemplos do inglês, retirados do texto do autor.

**Quadro 01: Expoentes e categorias**

Expoentes	Nomes	Adjetivos
-able	const-able	endur-able
-al	mamm-al	norm-al
-na	librari-an	reptili-an
-ant	defend-ant	defi-ant
-ate	consul-ate	intric-ate

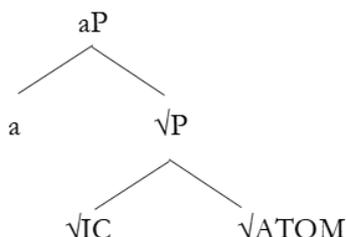
Fonte: Nossa autoria<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Com informações constantes em Lowenstamm (2014).

Os contraexemplos que aparecem no Quadro 01 mostram que não é possível afirmar que todos os afixos derivacionais fazem seleção categorial; portanto, também não se pode afirmar que esses afixos são, necessariamente, núcleos categorizadores.

Dessa forma, Lowenstamm (2014) rejeita a estrutura representada em (19), que coloca o afixo derivacional como um núcleo categorizador da projeção de adjetivo, e propõe uma alternativa apresentada em (20):

(20)



Em (20), temos um exemplo do funcionamento da proposta de Lowenstamm (2014) aplicada à formação do adjetivo *atomic*. Como podemos ver, para o autor, o  $\sqrt{IC}$  é também uma raiz, que se junta a outra raiz  $\sqrt{ATOM}$ , projetando um sintagma  $\sqrt{P}$ , o qual é combinado a um categorizador “a”, projetando aP. A alternativa de análise sugerida pelo autor, portanto, é a de que os afixos derivacionais não correspondem a morfemas funcionais, e sim a raízes. Essa explicação justificaria a flexibilidade categorial dos afixos apresentados no Quadro 01: na perspectiva da MD, raízes são acategoriais. Os afixos relevantes, por sua vez, seriam raízes presas, isto é, raízes que só podem ser projetadas com o auxílio de um complemento, que, nesse caso, é outra raiz.

Além disso, como explicam Creemers et al. (2018), a alternativa apresentada por Lowenstamm (2014) oferece solução para a questão dos afixos derivacionais que geram mudança no acento da palavra, uma vez que, por essa perspectiva, os afixos derivacionais não são morfemas funcionais, pertencendo ao domínio da raiz, no qual as regras de mudança fonológica cíclica são aplicadas.<sup>5</sup>

Creemers et al. (2018), contudo, apresentam alguns questionamentos à proposta de Lowenstamm (2014). O primeiro contraponto é o fato de que nem todos os afixos derivacionais demonstram flexibilidade categorial. Os afixos que apresentam diversidade categorial constituem um subconjunto de um grupo maior. Em alemão, por exemplo, esses casos representam 20% dos afixos derivacionais (cf. DE BELDER, 2011).

Assim, Creemers et al. (2018) elaboram uma terceira possibilidade de análise, alternativa, por um lado, às propostas de Marantz (1997, 2001) e Marvin (2003), para quem os afixos seriam núcleos categoriais, e, por outro, às propostas de De Belder (2011) e Lowenstamm (2014), para quem os afixos são raízes. Aproveitando o *insight* de Lowenstamm, os autores tomam a flexibilidade categorial como um dos critérios para analisar se um afixo pode ou não ser considerado uma raiz. Nessa linha de raciocínio, afixos que não apresentam essa propriedade são considerados núcleos da projeção de uma categoria. A proposta de Creemers et al. pode ser sintetizada na seguinte premissa: “Apenas afixos que mostram flexibilidade categorial são raízes; todos os outros afixos derivacionais realizam núcleos categoriais” (CREEMERS et al., 2018, p. 48, tradução nossa).

<sup>5</sup> Uma colocação pertinente feita por um dos pareceristas deste artigo aponta para o fato de que, nesta proposta de que os afixos são raízes, faz-se necessário definir o estatuto dessa raiz presa que seleciona outra raiz. É necessário esclarecer, por exemplo, a natureza dessa seleção; se a junção de raiz resultaria em um tipo de composto e a contribuição semântica dessas raízes para a Enciclopédia. Embora esse não seja o propósito deste artigo, acreditamos que este refinamento teórico precisa, de fato, ser feito.

Para os autores, existem, então, dois tipos de afixos: afixos-l (lexicais) e afixos-f (funcionais). Os afixos-l são raízes presas que se unem a outras raízes; enquanto os afixos-f são *spell out* de núcleos funcionais.

Para fundamentar a divisão dos afixos em raízes e morfemas funcionais, Creemers et al. levantam um conjunto de critérios que consideram relevantes para esta distinção. São critérios de natureza fonológica, morfossintática e semântica. Do ponto de vista fonológico, os autores destacam a questão do acento: os afixos são suscetíveis à mudança de acento ou atuam de forma neutra? Em termos morfossintáticos o realce está na flexibilidade categorial: os afixos são flexíveis ou rígidos na seleção categorial? Ainda com relação a morfossintaxe, são observadas as exigências de seleção da base: os afixos unem-se a raízes presas ou a bases categorizadas?

A partir desses critérios, eles chegam a uma classificação tal como a esquematizada no Quadro 02:

**Quadro 02: Tipos de afixos**

Tipos de afixos	Primeira fase		Últimas fases
	a. afixos-l	b. afixos-f	c. afixos-f
	[u √] <sup>6</sup>	[u √] [u x]	[u xP]

Fonte: Adaptado de Creemers et. al. (2018, p. 67)

Além da divisão entre afixos-l e afixos-f, a proposta de Creemers et al (2018) faz uma divisão dentro da categoria dos afixos-f, pois, entre eles, há aqueles que se realizam na primeira fase, juntando-se a raízes (como descrito em (b), no Quadro 02) e aqueles que só se realizam em fases posteriores, unindo-se apenas a estruturas já categorizadas (xP) (apresentados em (c) no Quadro 02).

Segundo os autores, entre os afixos-f, há ainda aqueles sem restrições seletivas específicas, aos quais é atribuído um traço [u x], que, na primeira fase, tanto podem apresentar o comportamento de (b) (juntar-se a raízes), quanto de (c) (juntar-se apenas a bases categorizadas). Esses afixos “mostram um comportamento de mudança de acento quando se juntam a raízes, ao passo que são neutros quando se juntam a estruturas categorizadas” (CREEMERS et al, 2018, p. 67)<sup>7</sup>.

Além disso, Creemers et al apontam que a divisão estabelecida por eles também pode revelar aspectos relativos à significação: enquanto afixos-l e afixos-f do tipo (b) (que se juntam a raízes) possuem sentido mais variável e parecem estar sujeitos a interpretações mais idiossincráticas, o sentido de afixos-f do tipo (c) parece ser mais uniforme, construído composicionalmente.

No Quadro 03, sintetizamos as características apresentadas para cada tipo de afixo, segundo Creemers et. al (2018).

**Quadro 03: Características de cada tipo de afixo**

Tipos de afixos	a. afixos-l	b. afixos-f	c. afixos-f
Características	Juntam-se a outras raízes; São categorialmente flexíveis;	Juntam-se a outras raízes; Não são categorialmente flexíveis;	Juntam-se a estruturas já categorizadas;

<sup>6</sup> A notação *u* representa um traço não interpretável. Portanto, os afixos-l, por exemplo, apresentam um traço não interpretável de raiz.

<sup>7</sup> No original, “show stress-shifting behavior whenever they attach to roots, whereas they are stress-neutral when attaching to a categorized structure”. (CREEMERS et al, 2018, p. 67)

	Geram mudança de acento; Apresentam menor uniformidade semântica.	Geram mudança de acentos; Apresentam menor uniformidade semântica.	Não são categorialmente flexíveis; Não geram mudança de acentos; Apresentam maior uniformidade semântica.
--	---	---	--

Fonte: Nossa autoria.<sup>8</sup>

Como apresentamos na introdução do trabalho, nosso objetivo é discutir o estatuto dos prefixos negativos *des-* e *in-* no português. Para isso, analisamos o comportamento e as características desses afixos, considerando os critérios utilizados por Creemers et. al. (2018). Na próxima seção, apresentamos uma proposta de análise para a natureza (lexical ou funcional) desses prefixos.

#### 4 O estatuto dos prefixos negativos *des-* e *in-*

Para analisar o estatuto dos prefixos *des-* e *in-*, utilizamos o conjunto de critérios adotados por Creemers et al. (2018), a saber: o comportamento fonológico dos prefixos em relação ao acento (se neutro ou suscetível a mudança)<sup>9</sup>; o comportamento categorial (se flexíveis ou rígidos em relação a categoria); o tipo de base que selecionam (se raízes ou bases já categorizadas). Além disso, analisamos também as características semânticas dos prefixos (uniformidade ou diversidade semântica), uma vez que, embora a semântica não tenha sido tomada como critério para a tipologia de Creemers et. al. (2018), os autores apontam que a classificação gera consequências na significação.

Em termos de seu comportamento fonológico, os afixos *des-* e *in-* são classificados como prefixos inacentuados (não possuem acento), constituindo sílabas átonas (SCHWINDT, 2001). Esses prefixos não geram mudança no acento prosódico das bases a que se associam, comportando-se, portanto, de forma neutra em relação ao acento.

No que diz respeito ao comportamento categorial, como demonstramos na seção 1, os prefixos *des-* e *in-* têm comportamento variável, uma vez que o primeiro pode juntar-se a bases verbais, adjetivais e nominais; enquanto o segundo acopla-se a bases adjetivais e verbais (ainda não temos evidência de que esse prefixo junta-se também bases nominais). Portanto, esses prefixos são flexíveis categorialmente.

Em relação ao tipo de base que selecionam, de acordo com o *corpus* levantado para este trabalho<sup>10</sup>, defendemos a ideia de que eles se juntam apenas a bases já categorizadas e não a raízes. Embora autores como Schwindt (2001) defendam a ideia de que o *des-* pode unir-se também a raízes em estruturas parassintéticas (em casos como *descamisar*, por exemplo), outros trabalhos em MD como o de Bassani, Medeiros e Scher (2011) e Medeiros

<sup>8</sup> Com informações constantes em Creemers et al. (2018).

<sup>9</sup> Como bem destacou um dos pareceristas do artigo, cabe ressaltar que a discussão sobre a mudança de acento dos afixos remonta ao final da década de 70. A ideia desenvolvida é que há duas classes de afixos, classe I e classe II. Um dos critérios que distingue as duas classes é o fato de que os afixos de classe I podem causar mudança de acento e os de classe II, não. Embora essa discussão seja pertinente para o inglês, que apresenta grande variedade de padrões acentuais, esse ponto é de menor relevância para os prefixos do português, que só podem introduzir um acento secundário. Não se trata, portanto, de um comportamento particular dos afixos abordados, mas de um comportamento geral do português.

<sup>10</sup> Para montar o nosso corpus de referência, utilizamos, primeiramente, o dicionário Aurélio (eletrônico) buscando palavras formadas com os prefixos *des-* e *in-*. Depois disso, fizemos um filtro utilizando o corpus Now, que reúne dados coletados do PB entre 2012 e 2019, registrado na base de dados do “Corpus do Português” ([www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)). O objetivo foi retirar do nosso corpus, palavras que tivessem caído em desuso e aquelas cujo uso fosse restrito a obras literárias, visto que os dicionários também registram esse tipo de item.

(2010) já apontaram uma via de explicação em que, também nesses casos, o *des-* estaria se juntando a uma base categorizada (e não diretamente a raiz).

Quanto às características semânticas, os prefixos *des-* e *in-* apresentam comportamentos diversos. Por um lado, o prefixo *in-* parece apresentar uma uniformidade semântica, ocorrendo em estruturas que constroem seus significados composicionalmente e apresentando, em diversas realizações, o que vimos chamando aqui de sentido de negação direta (não X); por outro lado, o prefixo *des-* apresenta uma maior diversidade de possibilidades semânticas, de forma que alguns autores optam até mesmo pela defesa de que a sua ocorrência em estruturas com sentidos distintos pode ser tratada como um caso de homonímia (SILVA; MIOTO, 2009; SCHWINDT, 2001). Contudo, como já argumentamos anteriormente, discordamos da ideia de que há homonímia, nesse caso, defendendo a existência de um traço semântico em comum, o de negação, em todas as ocorrências de *des-*, embora esse traço pareça se realizar de maneiras variadas<sup>11</sup>.

As características dos prefixos negativos *des-* e *in-* quanto aos critérios analisados, estão sintetizadas no Quadro 04:

**Quadro 04: Características dos prefixos negativos**

	Prefixo <i>in-</i>	Prefixo <i>des-</i>
Características	Junta-se a estruturas já categorizadas; É categorialmente flexível (une-se a bases verbais e adjetivais); Não gera mudança de acento; Apresentam relativa uniformidade semântica.	Junta-se a estruturas já categorizadas; É categorialmente flexível (une-se a bases verbais, adjetivais e nominais); Não gera mudança de acento; Apresentam maior diversidade semântica, embora mantenha o traço comum de negação nas interpretações distintas.

Fonte: Autoria nossa.

Comparando as características identificadas na análise dos prefixos negativos *des-* e *in-*, conforme vemos no Quadro 04, às características de cada tipo de afixo da classificação de Cremmers et. al. (2018), abordadas nos Quadros 02 e 03, constatamos que os prefixos negativos não se enquadram inteiramente em nenhum dos três tipos apresentados.

Esses prefixos não podem ser classificados como raízes e nem como morfemas funcionais do tipo (b) (de primeira fase), uma vez que não se acoplam a raízes, e sim a estruturas já categorizadas. Além disso, os afixos analisados não geram mudança de acento, característica dos morfemas que são utilizados na primeira fase.

Por outro lado, esses afixos não correspondem aos morfemas funcionais do tipo (c) (aqueles que são acoplados em fases posteriores), pois embora se unam a estruturas já categorizadas, esses prefixos são flexíveis em termos categoriais, isto é, podem unir-se a bases de diferentes categorias, conforme apresentado no Quadro 04.

Diante disso, vemos a necessidade de reformular a classificação proposta por Cremmers et. al. (2018), de modo a contemplar a natureza dos prefixos negativos em análise neste trabalho. Nossa perspectiva é que os prefixos negativos são morfemas funcionais, mas

<sup>11</sup> Como destacou um dos pareceristas do artigo, a questão de os diferentes sentidos do prefixo *des-* serem interpretados como um caso de homonímia (com a existência de diferentes morfemas e uma coincidência de formas) ou de polissemia (com a existência de diferentes sentidos para este prefixo) precisa ser analisada em maior detalhamento por trabalhos futuros, considerando ainda que é preciso ter maior clareza sobre as diferentes interpretações possíveis para este prefixo.

não atuam como *spell-out* de núcleos categorizadores e sim como o núcleo de uma projeção de um núcleo funcional de valor negativo, o qual chamaremos de Núcleo Neg.

No Quadro 05, apresentamos a classificação reformulada com a presença de um novo tipo de afixo, que especificaremos como afixos-f-neg:

**Quadro 05: Reformulação da classificação de Cremmers et. al. (2018)**

Tipos de afixos	Primeira fase		Últimas fases	
	a. afixos-l	b. afixos-f	c. afixos-f	d. afixos-f-neg
	[u √]	[u √]	[u xP]	[u xP]
		[u x]		

Fonte: Autoria nossa.

Os afixos negativos também constituem morfemas funcionais (assim como os afixos apresentados em (b) e (c)). Como os afixos-f representados em (c), os afixos-f-neg também são inseridos em fases posteriores (após a categorização). Contudo, diferentemente dos outros morfemas funcionais abordados por Cremmers et al, os afixos-f-neg não constituem núcleos categorizadores mas, sim, núcleos Neg. No Quadro 06, apresentamos uma nova proposta de quadro com as características de cada tipo, incluindo os afixos funcionais negativos:

**Quadro 06: Características de cada tipo de afixo, após a reformulação**

Tipos de afixos	a. afixos-l	b. afixos-f	c. afixos-f	d. afixos-f-neg
Características	Juntam-se a outras raízes; São categorialmente flexíveis; Geram mudança de acento; Apresentam menor uniformidade semântica.	Juntam-se a outras raízes; Não são categorialmente flexíveis; Geram mudança de acento; Apresentam menor uniformidade semântica.	Juntam-se a estruturas já categorizadas; Não são categorialmente flexíveis; Não geram mudança de acento; Apresentam maior uniformidade semântica.	Juntam-se a estruturas já categorizadas; São categorialmente flexíveis; Não geram mudança de acento; Possuem um traço comum de negação, embora este se expresse de maneira variada. <sup>12</sup>

Fonte: Autoria nossa.

Sobre a questão semântica, lembramos que esse não é um critério pré-estabelecido por Cremmers et. al. (2018), mas uma predição feita pelos autores sobre a diferenciação entre os afixos. Esse aspecto semântico (se mais uniforme ou diversificado) não parece ser padronizado nos prefixos negativos, pelo menos, não nos afixos em análise: *des-* e *in-*.

A presença de um núcleo funcional para a negação já vem sendo abordada há algum tempo nos estudos sobre a Negação Sentencial, conforme Namiuti e Míoto (2014). Segundo os autores:

<sup>12</sup> A natureza polissêmica de prefixos negativos tem sido estudada em outras línguas, como no trabalho de Joshi (2012), que baseia em dados do Inglês, Francês, Sânscrito e Marati. Ressaltamos, contudo, que uma descrição mais pormenorizada das diferentes realizações do traço de negação em Português ainda está para ser feita.

[...] nessa língua [o português], desde sua origem, o operador de negação – *não* – é a instanciação do núcleo de uma categoria funcional forte associada à polaridade da sentença. Tal categoria, denominada por NEGP em Míoto (1992) e por ΣP em Namiuti (2008), domina os núcleos da flexão [...] (NAMIUTI; MIOTO, 2014, p. 118)

Assim, a ideia de que existe um núcleo funcional específico para a negação, responsável pela inversão do valor de verdade da sentença, está presente nos estudos da Sintaxe, admitindo-se que existem, portanto, sintagmas negativos.

Nos estudos morfológicos, Medeiros (2010), em artigo sobre o prefixo *des-* na perspectiva da MD, assume a hipótese de que há um Núcleo Neg, o qual operaria tanto no escopo da palavra, quanto no escopo da sentença. Nas palavras do autor:

[...] vou assumir que há nós com denotações semânticas distintas que compartilham a função de negação, os quais chamarei de NEG1, NEG2, etc. Então, um NEG pode selecionar proposições, e ocorrer como um advérbio; outro pode, segundo sua denotação, ser realizado pelo prefixo *in-*, e assim por diante. [...] (MEDEIROS, 2010, p. 117)

Inserida na Nanossintaxe, outro modelo teórico que trabalha com a continuidade entre Morfologia e Sintaxe, a proposta de De Clerq e Wyngaerd (2017) assume que adjetivos como *unhappy* e *dishonest* fazem o *spell out* de um traço-Neg (no original, *Neg-Feature*). Para os autores, o traço-Neg nunca sofre o *spell out* sozinho: esse traço sempre é combinado a outros traços para ganhar uma forma fonológica. Assim, os marcadores negativos das línguas resultariam de combinações do traço-Neg e diferentes traços (na perspectiva dos autores, os traços seriam de polaridade, foco, grau e quantificação).

Ao retomar esses estudos sobre a negação, tanto referentes à negação sentencial, quanto à negação morfológica, nossa intenção é reforçar a pertinência da proposta de que há um núcleo funcional negativo, que opera em um *continuum* entre o componente morfológico e o componente sintático, atuando em baixo e amplo escopo. Essa ideia é respaldada por trabalhos anteriores com afixos negativos, como o de Medeiros (2010) sobre o prefixo *des-* e o de De Clerq e Wyngaerd (2017) sobre prefixos negativos do Inglês.<sup>13</sup>

Além disso, a percepção de que esse núcleo Neg atua tanto no escopo das sentenças quanto no escopo das palavras vai em direção ao que temos afirmado desde a seção 1 do presente trabalho, isto é, que não devemos separar a negação sentencial da negação morfológica, mas vê-las como um fenômeno comum, o que reafirma a pertinência de uma visão que integre Morfologia e Sintaxe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, discutimos o estatuto dos prefixos negativos *des-* e *in-*, tendo como *background* a discussão sobre a natureza dos afixos derivacionais. A partir da classificação estabelecida por Creemers et al. (2018), analisamos os prefixos, tendo como critérios: o comportamento fonológico dos prefixos em relação ao acento, o comportamento categorial de cada afixo, o tipo de base que selecionam e as características semânticas de cada um dos prefixos.

A nossa análise demonstrou a necessidade de uma nova tipologia de marcadores funcionais, que desse conta do caráter não categorizador dos prefixos negativos *des-* e *in-*.

---

<sup>13</sup> A respeito dessa proposta de abordagem sintática dos prefixos negativos, um dos pareceristas do artigo apontou que há contrastes entre elementos negativos que atuam no escopo sentencial e no escopo morfológico como a questão do licenciamento de itens de polaridade negativa. Essa questão não foi abordada neste artigo, mas compreendemos que ela é importante para discussões futuras sobre a possibilidade do tratamento sintático de morfemas de negação.

Diante disso, propusemos uma reformulação da classificação de Creemers et al. (2018), acrescentando aos tipos de afixos, a existência de um afixo-f-neg, o qual, em vez de funcionar como *spell out* de um núcleo categorizador, atua como um núcleo funcional negativo, ao qual chamamos de núcleo Neg. Nossa hipótese é que esse núcleo Neg é responsável pelo escopo da negação tanto em sentenças quanto no nível da palavra.

Todavia, a análise aqui empreendida não exaure a discussão sobre o estatuto dos prefixos negativos. Pretendemos, em trabalhos futuros, dar continuidade à pesquisa, estendendo essa análise a outros prefixos de valor negativo do PB (tais como *a-*, *contra-*, entre outros), de forma a refinar a descrição morfossintática desses afixos.

Além disso, acreditamos que seria interessante analisar outros prefixos que também exibem um comportamento de não categorizador, tais como os prefixos *pré-* e *co-*. Seria interessante analisar ainda a possibilidade de que esses prefixos também expressem traços relevantes para a sintaxe, tais como o traço de tempo, em *pré*, por exemplo.

Assim, consideramos que nossa pesquisa pode servir como uma contribuição para o estudo de afixos derivacionais por uma perspectiva que contemple a existência de um *continuum* entre Morfologia e Sintaxe.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMELIN, Paula Roberta Gabbai; MELO, Nilton Duarte. Investigando a estrutura morfossintática das formações em *des-x-ar*: um enfoque no fenômeno da parassíntese. *Working Papers in Linguistics*, vol. 19, n. 1, p. 90-116, 2018.

BASSANI, Indaiá de Santana; MEDEIROS, Alessandro Boechat de; SCHER, Ana Paula, Verbos denominais com prefixo *des-* no português do Brasil. In: SALLES, Heloísa; NAVES, Rozana Reigota (ed.) *Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais: artigos selecionados do Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Teoria da Gramática/2009*, Cânone Editorial. 2011.

CREEMERS, Ava; DON, Jan; FENGERS. Some affixes are roots, others are heads. *Natural Language and Linguist Theory*, vol. 36, p. 45–84, 2018).

DE CLERCQ, Karen. Negation in morphology. In: *The Oxford Encyclopedia of Morphology*. 2020.

DE CLERQ, Karen; WYNGAERD, Guido Vanden. Why Affixal Negation is Syntactic, manuscrito, FWO/UGhent; KULeuven, 2017.

DIETRICH, Wolf. Tipologia morfossintática da negação nas línguas do tronco Tupi. *LLAMES: Línguas Indígenas Americanas*, v. 17, n.1, p. 7-38, 2017.

DRYER, Matthew. Negative morphemes. In: DRYER, Matthew; HASPELMATH, Martin. (org.). *The world atlas of language structures online*. Munich: Max Planck Digital Library, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque. *Novo Dicionário Aurélio*. Versão eletrônica 7.0. 5ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and pieces of inflection. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (ed.) *The view from the Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger*, Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some key features of distributed morphology. *MIT Working Papers in Linguistics: papers on Phonology and Morphology*, n. 21, p. 275-288, 1994.

LOWENSTAMM, Jean. Derivational affixes as roots: Phasal Spell-out meets English Stress Shif. In ALEXIADOU, Artemis; BORER, Hagit; SCHÄFER, Florian. (ed.) *The Syntax of roots and the Roots of Syntax*, p.230-258, Oxford University Press, 2014.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In DIMITRIADIS, Alexis; SIEGEL, Laura; SUREK, Clarissa Surek-Clark, WILLIAMS, Alexander (ed.) *21st Annual Penn Linguistics Colloquium: Penn Working Papers in Linguistics* vol. 4, n. 2, p. 201–225, 1997.

MARANTZ, Alec. Words and things. Manuscrito, MIT, 2001.

MARANTZ, Alec. Phases and words. In CHOE, Sook-Hee (ed.), *Phases in the theory of grammar*, p. 191-222. Seoul: Dong In, 2007.

MARVIN, Tatjana. *Topics in the stress and syntax of words*. 2003. 174 p. Tese de Doutorado. Department of Linguistics and Philosophy, MIT, 2003.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Para uma abordagem sintático-semântica do prefixo *des-*. *Revista da ABRALIN*, v.9, n.2, p. 95-121, 2010.

MIOTO, Carlos. *Negação sentencial no Português Brasileiro e teoria da gramática* 1992. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1992.

NAMIUTI, Cristiane. *Interpolação, colocação de clíticos e mudança gramatical na história do português europeu*. 2003. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

NAMIUTI, Cristiane; MIOTO, Carlos. Clíticos e negação em português: elementos para uma descrição gramatical. *Filologia Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. spe, p. 95-123, 2014.

SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; MINUSSI, Rafael Dias Morfologia em Morfologia Distribuída. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 46, p. 9-29, 2013.

SCHWINDT, Luiz Carlos. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. *M,kD.E.L.T.A*, vol 17, n 2, São Paulo, 2001

SILVA, Maria Cristina Figueiredo; MIOTO, Carlos. Considerações sobre a prefixação. *ReVEL*, vol. 7, n. 12, 2009. [www.revel.inf.br].

VILLALVA, Alina. O prefixo *in-* na formação de verbos e nomes: um caso de mudança morfológica. Manuscrito. Universidade de Lisboa. Acesso em: 05 de junho de 2020.